

“Controle dos gozos, sociedade de consumo e fascismo soft”¹

Camille Dumoulié²

Tradução: Amilcar Bettega

Resumo

Tendo como base o *L'Anti-Œdipe* de Deleuze e Guattari, o autor ambiciona pensar o desejo pelo viés de seu devir revolucionário. A estratégia do capitalismo foi a de aniquilar a ideia de desejo como fim. Nesse sentido, o desejo foi capturado por forças reativas ocasionando uma saturação do gozo para que cada vez menos tenhamos gozo. A razão capitalista moldou o gozo como um bem de consumo, estratégia esta de mecanismo de defesa de seu sistema para que possa neutralizar a concepção de gozo corrosivo. Com isso, pretende-se demonstrar o quanto esta estratégia fez com que o desejo volta-se contra si próprio confundindo revolução e fascismo.

Abstract

Based on the *Anti-Oedipus* of Deleuze and Guattari, the author aims to think the desire for the bias of its revolutionary becoming. The capitalist strategy was to annihilate the desire of idea as an end. In this sense, the desire was captured by reactive forces causing a saturation of joy to have less and less enjoyment. Capitalist reason shaped the enjoyment as a consumer good, this defense mechanism strategy of your system so you can neutralize the corrosive design enjoyment. This is intended to demonstrate how this strategy has made the desire turns against itself confusing revolution and fascism.

¹Este artigo retoma alguns elementos da conclusão de meu livro: *Fureurs. De la fureur du sujet aux fureurs de l'histoire*, Anthropos-Economica, Paris, 2012, 392 p., ISBN : 978-2-7178-6521-9.

²É professor da Universidade Paris Ouest-Nanterre – França. Email: camille.dumoulie@free.fr

Capitalismo e gozo

Segundo os autores do *Anti-Édipo*, «o capitalismo não se define pelo gozo»³. De fato, «com a burguesia, algo de novo se dá: o desaparecimento do gozo como fim»⁴. Este acontecimento histórico está, para Deleuze e Guattari, na raiz da longa doença do desejo. Na economia libidinal do capitalismo, o desejo, revolucionário por excelência, viu-se submetido ao poder de forças reativas que fizeram-no voltar-se contra si próprio ao ponto de confundir revolução e fascismo. O capitalismo, portanto, se define pela forclusão do gozo.⁵

Certamente verdadeira em seu princípio, hoje esta fórmula encontra uma aplicação paradoxal que parece conduzir a uma inversão. Na verdade, trata-se mais de uma utilização perversa desta regra por um sistema visando saturar de gozos os indivíduos para melhor impedir-lhes o gozo. Se, como diz Lacan, o gozo não é um “bem” em nenhuma acepção do termo, a artimanha da razão capitalista é transformar os gozos em bens de consumo, é fazer do gozo moeda com valor de troca — ele que nem mesmo valor de uso tem. A saturação de nossos corpos com gozos com valor de mercado é o melhor meio para defender o sistema contra os perigos do gozo corrosivo. Adorno já advertia: não está mais longe o momento em que todo gozo que conseguindo se emancipar do valor de troca passará por subversivo. Fazer do gozo um bem de consumo é a melhor maneira de não gozar, a melhor forma de garantir um controle dos gozos, dando ao mesmo tempo aos indivíduos a ilusão de estarem diretamente conectados ao fluxo de gozos que emanam do “corpo sem órgãos” do Capital.

Após a época dos sacrifícios humanos planejados em grande escala — guerras mundiais, nazismo, fascismo, comunismo totalitário e outras ditaduras —, o fim do século XX retomou o caminho idílico da evolução sob a égide do progresso e da felicidade. Graças à globalização, o universal reconquistou seus direitos. Mas foi o fantasma que se tornou universal e globalizado. A incitação ao gozo fantasmático é ainda mais impetuosa na medida em que as vias do gozo são desde então impenetráveis. Desde *Eros e civilização* (1955), Marcuse estudou o funcionamento e os efeitos da “desublimação total”, da permissividade sexual (na realidade repressiva) e da pornografia triunfante. De um lado, sua onipresença e seu poder de atração comercial

³G. Deleuze, F. Guattari, *L'Anti-Édipe*, Paris, Editions de Minuit, 1972, p. 279 (« le capitalisme ne se définit pas par la jouissance »).

⁴*Op. cit.*, p. 302 (« quelque chose de nouveau se produit avec la bourgeoisie : la disparition de la jouissance comme fin »).

⁵A origem dessa ideia vem da análise que Marx fez da “mais-valia”, mostrando que no capitalismo o ganho da mais-valia não é um gozo para ninguém: nem para os trabalhadores que são explorados, nem para o capitalista, que deve reinvestir a mais-valia no sistema. No capitalismo, tem somente um que goza: o “corpo sem órgãos” do capital.





confirmam a miséria sexual dos povos civilizados. De outro, elas reforçam o sentimento de culpa, a arrogância do puritanismo e os encantos do moralismo. O caráter repressivo dessa permissividade vem do fato que a censura do superego é reforçada pela explosão de imagens fantasmáticas ou pornográficas, na medida em que elas reativam o sentimento de culpa que séculos de proibição fizeram pesar sobre a libido. Mas, dada a duplicidade perversa do superego, o contrário também é verdade: a culpa nasce da impossibilidade de responder à imposição de gozar comandada por um superego complacentemente obsceno. Preso nessa lógica contraditória, o desejo certamente cai na armadilha. A partir desse momento é preciso pagar o preço da frustração e consumir até o delírio os produtos derivados que o serviço de marketing da máquina fantasmática não deixa de lançar no mercado. Esta gestão do consumo degradado, frustrante e culpabilizadora, ganhou desde então o nome de “cultura”: cultura de empresa, cultura de mídia, cultura de periferia, cultura hip-hop, cultura de consumidor, cultura de espectador, etc. É conhecida a sentença de Goering: “Quando ouço a palavra cultura, eu saco o meu revólver”. Era a época do fascismo *hard*. Agora, em nosso mundo, que eu chamarei o do fascismo *soft*, são os jornalistas que se encarregam diariamente de rebaixar de um grau suplementar a língua, o gosto, a moral pública, o sentido dos valores, e de corroer toda forma de resistência do espírito. O zelo que demonstram em oferecer os produtos do mercado (a última produção hollywoodiana, o novo console de videogame, o próximo show de Madonna) beira o misticismo.

Neste contexto de alta espiritualidade, o consumo tornou-se um ritual de sacrifício. Os objetos têm o destino de todos os ídolos: após nos devotarmos ao seu culto com uma abnegação sem limites, temos que sacrificá-los à vontade do Deus obscuro que agencia e manipula o Fantasma, pois muito rapidamente eles se revelam pobres coisas vazias, fora de moda, bons para serem mandados de volta para o lugar de onde vêm: o lixo. Este é o *espírito* do consumismo. O que Deleuze chama de “estágio selvagem” parece ser o futuro das massas capitalistas: se as mercadorias queimam os dedos ao ponto de ser preciso dilapidá-las furiosamente, é porque elas são habitadas pelo Mana. A mais-valia, o mais-de-gozar são da mesma natureza que este espírito das coisas que agarra e enfeitiça aquele que as conquista, estudado por Marcel Mauss em seu *Ensaio sobre a dívida* (1924). O fetichismo da mercadoria deve ser entendido ao pé da letra: os objetos são assombrados pelo espírito do deus porque eles lhe pertencem. A aura que deles emana provém do fato que a dose de gozo que eles contêm é gozo do Outro que nos envenena e nos rouba a alma, isto é, o nosso próprio gozo. Há qualquer

coisa de intragável em todos os objetos fetiches do capitalismo. E a caça aos colorantes, aos produtos cancerígenos, aos transgênicos, é a reação vulgarizada e mediática contra o poder tóxico dos objetos de consumo. No frenesi consumista, sente-se o desejo sacrificial de um gigantesco *potlatch* que enfim zeraria tudo.

Lei perversa e fascismo soft

Uma questão recorrente para vários historiadores é saber se o fascismo consistiu em um sobressalto, uma “fratura”, como pensava Benedetto Croce, ou se se trata de um acontecimento que se inscreve na lógica do capitalismo e do liberalismo democrático. Aparentemente poderíamos ver nisso um arcaísmo, a expressão última da velha lei paranóica que luta contra a esquizofrenização do mundo capitalista. O que não é inteiramente falso, sobretudo na medida em que o retorno dos arcaísmos é necessário ao capitalismo globalizado. Mas o fenômeno essencial está em outro lugar — está na abdicação da lei, que se colocou a serviço de uma vontade obscura. O fascismo não era um arcaísmo mas sim, como compreendeu Marinetti, um futurismo. Ele anunciava nosso presente e ele se realizará no futuro, quando então a lei liberal das Luzes será inteiramente dissolvida na lei do *laisser-faire*, do deixa rolar, do deixa gozar capitalista. Fim da lei que proíbe... entramos na época da lei perversa que diz para deixarmos escorrer o fluxo dos gozos mercantis que verte do corpo obeso e obscuro do capital em cada um de nós. “Dai-nos hoje o gozo nosso de cada dia e livrai-nos do mal do Desejo e do Gozo!”. Em suma, a utopia.

A pretexto de liberalismo e de liberação dos fluxos de desejo e de gozo, o mesmo regime se perpetua, com a diferença que nós passamos do fascismo *hard* ao fascismo *soft*, que se define pelo controle dos gozos. O fascismo *hard* é a expressão de um desejo expressão de um desejo reativo para o qual o gozo continua sendo um mal. É preciso que os indivíduos não gozem jamais para alimentar este avesso do gozo que é o furor dirigido das massas fascistas.

Na economia política do fascismo *soft*, portanto, o gozo tornou-se um bem de consumo — o que é a melhor maneira de não gozar, com a ilusão de estar ligado diretamente nos fluxos de gozo. Esta liberalidade e esta democracia capitalistas, que então dispensam sem nenhum problema a figura do chefe carismático, não representam portanto o contrário do fascismo, mas se inscrevem na sua lógica. Uma das artimanhas da lei perversa liberal é dar a impressão de ter como único objetivo proteger os indivíduos deles mesmos, de sua própria vontade de gozo: de seu desejo de esborrachar

o cérebro e os órgãos a toda velocidade contra os muros da idiotice. Vivemos em uma festa permanente e isso é tão bom que fica difícil não se acabar na primeira oportunidade. Todos uns deficientes do gozo!

Limite de velocidade, prevenção do alcoolismo, campanha anti-fumo, banimento de todo produto que não seja “light”, combate às drogas, exame neurológico dos descerebrados dos *games*, prevenção do câncer provocado pelos telefones celulares, censura na televisão e no cinema, falência pessoal por dívidas, etc, etc. O primeiro efeito benéfico da lei guarda-corpo é a *infantilização generalizada*. *Hilflosigkeit*, conforme a palavra empregada por Freud; tal é a derrelição do homem contemporâneo: o sentimento de abandono, de “desajuda” infantil, como se traduz hoje em dia. Então o Estado pega as pessoas pela mão, é a assistência pública aos deficientes da vida. E, claro, quanto mais se infantiliza as pessoas, mais elas se comportam como crianças.

Daí o segundo benefício para o sistema: *o reforço da culpabilidade*. Porque se é bem mais culpado em relação a um bom pai a quem se desobedece do que a um pai malvado contra quem se revolta. Sobretudo se esse pai nos dá com uma das mãos aquilo contra o qual, com a outra, ele nos protege. Mas a verdadeira perversão está alhures: a suposta proteção da lei autoriza o mercado a ir ainda mais longe no cinismo e no aliciamento sem escrúpulos.

Daí o terceiro efeito benéfico da lei perversa pelo sistema: *autorizar uma explosão sem controle do consumismo*. Já que os “inconscientes” estão sob controle, vamos lá, não se incomode, continue a extorquir, explorar, massacrar com toda a impunidade. Agora é somente o sistema que tem boa consciência. Que a festa continue e ainda mais quente! Tudo é a crédito, até o crédito – você pode se endividar infinitamente! De todo jeito é você quem vai pagar a conta da quebradeira geral... Tal é a lei do capitalismo. Disso a atual crise financeira nos oferece a mais perfeita ilustração.

Nos EUA tudo é *light* e ousar pedir um iogurte com leite integral ou um tablete de manteiga de verdade num supermercado seria um ataque a Constituição, porém nunca houve tantos obesos por lá. Jamais a repressão ao consumo de drogas foi tão forte na Europa, porém as “raves” agora são organizadas diretamente pelos Ministérios do Interior. Nunca se controlou tanto a velocidade nas estradas, mas nunca as propagandas de automóveis foram tão agressivas. Jamais houve um tamanho consenso para censurar a mídia e jamais se viu a publicidade, o cinema, os games e vídeos explorarem a tal ponto a violência e a pornografia. A lista, que todo mundo conhece, é infinita e pesada.

Quanto ao mais geral dos efeitos benéficos para o capitalismo da lei perversa, trata-se da *demolição perversa dos valores*. Esta artimanha consiste em dar à violência social, que se exercia como tal no fascismo histórico ou nas sociedades despóticas, a impressão de um avanço político e de uma liberação dos modos. O mais sintomático é ver a segregação social idealizada e generalizada sob o nome de “comunitarismo”. Isso seria a prova de que não estamos mais em um regime totalitário, e ainda menos em uma política fascistizante: cada um tem o direito de viver conforme seu ideal, sua religião, sua cultura, sua raça e até sua verdade! Não apenas a segregação comunitária foi interiorizada como um lucro, mas, na verdade, e como sempre em um sistema perverso, é o contrário que tem força de lei: este particularismo só é aceitável através da submissão de todos à mesma bandeira, o consumo das mesmas marcas, a mesma veneração das leis do mercado e do lucro, quer sejamos brancos ou negros, ricos ou pobres, judeus ou muçulmanos, jovens ou velhos, héteros ou homossexuais. Esta demolição perversa dos valores se traduz, de maneira geral, pela ilusão que o desaparecimento das leis e da universalidade de certos valores fundamentais seria uma prova de liberdade. Ora, isto só acontece, como no fascismo, com a substituição da vontade geral por uma vontade particular. No caso presente, o do fascismo *soft*, com a substituição de interesses coletivos por interesses privados, a ponto de o Ocidente poder tomar a defesa dos interesses financeiros das empresas multinacionais pela do bem público, e até mesmo da civilização.

Enquanto o fascismo histórico vive através da exclusão do outro, do estrangeiro, a lei liberal perversa integra toda forma de gozo estrangeiro, não somente pela exploração sistemática do *savoir-faire* e do trabalho dos estrangeiros ou pela espoliação das riquezas naturais dos países em desenvolvimento, mas também pela sua injeção no contínuo escoamento mediático. Por mais estrangeiro ou nocivo que seja, o gozo do Outro, degradado, desnaturado, é introduzido em todos os produtos de consumo. Exotismo, horror, miséria, luxo, ritual religioso, integrismo, revolução, não há nada que não acabe num filme, numa reportagem ou em um slogan publicitário. Assim, o que ainda poderia engripar as engrenagens do sistema é transformado para ser vendido sob forma de que se chama em francês « truc » ou « machin ». Marcel Mauss mostrou a relação dessas duas palavras com o Mana ou a força das coisas. « Truc » significa ao mesmo tempo « treco » e « truque », e « machin » é sinônimo de « treco », « troço », e também tem a ver com « máquina (de guerra) ». Essas palavras designam bem os objetos do consumismo degradados ao estado de gadgets, em razão de sua aceção

primeira de número de magia para um e de máquina de guerra para o outro. Sob a insignificância aparente das coisas se trama a guerra surda que levamos a cabo contra o poder de feitiço e de intoxicação dos objetos.

É preciso mesmo que haja feitiço e envenenamento, como Antonin Artaud não deixa de repetir, para que um sistema a tal ponto coercitivo, repressor e castrador, passe por algo tão liberal e tão *soft*. É preciso que uma poderosa magia negra se exerça então sobre o mundo para que o capitalismo consiga mobilizar o desejo a ponto que cada um se sinta no dever de colar ao Fantasma com raiva e colaborar com zelo para o controle coletivo dos gozos. Deste último, de seu funcionamento, vamos dar três exemplos primordiais: a marcação do corpo, a violência da mídia e a atualização virtual.

A marcação do corpo

Sua lógica consiste em fazer passar da marca do gozo ao gozo da marca. O que constitui um destes exemplos de neo-arcaísmo tão freqüentes no regime de desterritorialização capitalista. O arcaísmo maior é a reterritorialização paranóica do Estado. Mas a globalização contemporânea suscita uma regressão maior ao estágio que Deleuze e Guattari, no *Anti-Édipo*, designam como “estágio selvagem”. Ao mesmo tempo que se fala de um modo regressivo pode-se falar também de um modo perverso de reterritorialização dos gozos. A codificação selvagem se caracteriza por uma assunção coletiva da responsabilidade dos órgãos e do gozo que passa por uma marcação dos corpos: tatuagem, escarificação, excisão, etc. A regressão atual é portanto ao mesmo tempo psicológica e histórica. Retorno a este estado arcaico de codificação arcaico de codificação dos fluxos e infantilização dos indivíduos que recolocam todos os órgãos e orifícios de seu corpo à disposição da vontade de gozo do grande Outro. Piercing, tatuagem, utilização fetichista da música – para retomar uma fórmula de Adorno –, fone de ouvido do celular ou do iPod permanentemente introduzido no ouvido, exibição das marcas nas roupas e até mesmo na pele, etc.

Um dos traços específicos da codificação “selvagem”, conforme Deleuze e Guattari, é a autonomia da escrita e da voz, fazendo da primeira uma espécie de arqui-escrita que não é ainda a escrita linear. Ora, a marcação atual dos corpos supõe a redução da escrita a um traço, a um logo⁶ sem logos, a uma escrita insignificante como o tag ou, melhor ainda, a um signo no estado puro como o da marca Nike. Dessa forma se opera uma regressão do próprio significativo ao estado de um fetiche do qual se goza diretamente. O signo do gozo tornou-se gozo do signo. Mais a voz e a escrita invadem o

mundo, mais elas se tornam mudas. Assim como a música, elas são onipresentes, ao ponto de serem inaudíveis e, finalmente, silenciosas. O que as reduz ainda mais à função de fetiches que vêm fazer gozar a um preço baratinho todos os orifícios escancarados e os órgãos palpitantes.

No grande universo da deslocalização, os corpos errantes são fixados por uma nova marcação selvagem. Estes signos são o que Deleuze e Guattari chamam “pontos-signos” ou “cortes-fluxos” característicos de uma “linguagem não significante”⁷. Poderíamos também chamá-los de “pontos de capitonê” que atam os fluxos do desejo nos fluxos de troca de mercadorias, signos de reconhecimento mínimo de pseudo-tribos que se aglutinam em massa. Nada mais triste e anti-erótico do que estes pobres piercings lamentáveis que toda uma juventude conformista se acha obrigada a ostentar, ou do que as tatuagens (*h*)éticas (em todos os sentidos homofônicos do termo: héticas por seu aspecto miserável e insignificante – um piercing aqui, uma tatuagenzinha ali; e éticas no que elas representam como um signo da obediência à imposição da moral coletiva) que não excitam o gozo de nenhum olhar nem trazem a marca de nenhum trabalho do corpo visando, por exemplo, um gozo sadomasochista. Estas pobres marcas dão conta apenas de uma necessidade de identificação de massa em favor de uma marcação asséptica, cada vez mais controlada pela medicina higienista. Não é mais uma axiomática do Estado, mas uma marcação direta do Capital que emite signos-pontos, signos-pregos — para retomar uma imagem de Artaud.

Se, no estágio “selvagem” este trabalho do corpo tem o sentido de um investimento coletivo dos órgãos portador de gozo, no estágio do capitalismo avançado é preciso ver nisto a expressão de um sentimento de culpa emanando do superego que reenvia a agressividade contra o eu e o próprio corpo. Quanto mais se povoa o mundo mediático e fantasmático de imagens ideais inigualáveis em função tanto de sua multiplicidade contraditória como de seu caráter absolutamente factício, mais o indivíduo é reenviado a sua desgraça. Se ninguém obtém gozo destas práticas do corpo (entre as quais o regime endêmico e a ginástica em excesso), pelo menos o superego obtém a satisfação de ver o eu se entregar conscienciosamente a todo um sistema de crueldade masoquista, sempre dominado pelas leis do mercado. « Claro, longe de mim o gozo do corpo de São Sebastião, as volúpias dos faquires hindus, as proezas técnicas do corpo de Cher ou do rosto de Michael Jackson, mas vou me cravar este preguinho, me marcar como uma rês da tropa e, mais tarde, refazer o nariz e pôr silicone nos lábios...

⁶ Lembramos o livro de Naomi Klein, *Sem Logo. A tirania das marcas em um planeta vendido*, Editora Record, 2002.

⁷ *L'Anti-Cédepe*, op. cit., p. 286-288.

Da imagem ideal eu terei conservado apenas os estigmas, mas ao menos por essas cicatrizes e pregos espero conter a desagregação psicológica do meu ego e conjurar a perda de sentido da minha carne... »

A expressão “ponto de capitonê” serve a Lacan para designar os pontos de ancoragem do fluxo dos significantes e do fluxo dos significados, graça aos quais a linguagem não é puro delírio mas possui efeitos de sentido. O capitonê, a capitonagem, em questão é mais o da cela dos loucos que somos nós e que batem sem parar a cabeça contra as paredes do real do que o da cama sobre a qual podemos nos entregar aos jogos amorosos. Mais do que nunca, como dizia Nietzsche em *A genealogia da moral* (II, § 21), “a terra tornou-se uma casa de loucos”, mas de loucos bem vigiados, bem presos, bem pregados nos fluxos de identificações mediáticas do mercado. Entramos no mundo de uma nova Aliança, de uma nova forma de religiosidade: a Aliança direta com as grandes marcas que marcam nossos corpos. Religião degradada, fetichismo puro da mercadoria. A marca, a sigla, religa apenas à pseudo-transcendência da lei do mercado. Nisso consiste o caráter fundamentalmente religioso do neocapitalismo: todos identificados pelas mesmas marcações, “Nós buscamos nossa passagem / No Céu onde nada luz ” (conforme o refrão usado por Céline como epígrafe de *Viagem ao fim da Noite*), e permanecemos assim, boquiabertos, para receber os fluxos de libido mercantil que caem do Céu mediático, como o maná sobre o qual se interroga o narrador do conto de Kafka intitulado *Investigações de um cachorro*.

Revolução tecnológica e desterritorialização dos corpos têm como contrapartida o eterno retorno de gozos regressivos e repressivos.

A violência da mídia

É já um lugar-comum condenar a violência da mídia e, especialmente, a dos filmes norte-americanos. Mas a verdade é que a questão persiste, justamente. Por que tanto ódio? Por que a sociedade mais puritana, mesmo em se tratando de um puritanismo hipócrita, produz filmes que são única e exclusivamente uma grande explosão de agressividade? É preciso imaginar que estes novos jogos do circo constituem ainda uma satisfação de nosso gozo e são, para dizer tudo, um gozo? Certamente não. Ao contrário. Como sempre, nos paradoxos do capitalismo se esconde uma perfeita e implacável lógica. Já está visto que o controle dos gozos e a produção de gozos de massa são a melhor maneira de impedir o gozo, ou melhor, de impedir que permaneça em aberto o lugar desta negatividade do Gozo que é a condição do desejo.

Mas por mais que se empanturre os indivíduos e que se marque os corpos, o desejo acaba por não mais suportar essa empanturrção e, já que nada mais lhe é proibido, ele se põe a exigir algum gozo verdadeiro, daqueles que não se trocam e que não têm nada de bem de consumo. Porque, enfim, o fruto deste controle dos gozos é uma miséria generalizada. Não a pobreza, mas a miséria sexual ou psicológica das massas, para retomar as fórmulas de Reich e de Freud.

A acumulação dos gozos fetichistas e fantasmáticos tem um efeito de *double bind*: fazer desejar o Gozo verdadeiro ao qual teríamos direito. Antigamente, contra esta exigência se erguia o poder absoluto de uma lei transcendente. Mas da lei o capitalismo se abstém de bom grado. A única que ele reconhece é a lei do mercado. Isto é, as vitórias do cinismo, do imoralismo e do lucro, ou seja o empirismo das relações de forças erigido como princípio universal, de onde cada um que quiser de fato gozar do sistema poderá tirar a máxima de sua ação. Uma vez que a lei proibitória desapareceu e o dever do gozo perversamente dissuadiu o desejo, a ponto de nos acharmos no direito de exigir nosso gozo com furor, pois bem, é contra nós que este furor se volta⁸. A agressividade vem substituir a lei e erguer uma barreira no limite do gozo – de um gozo que seria não permutável, não comercializável. Mas o seu avesso é muito bem comercializado através da violência no cinema ou na televisão. Este turbilhão de agressividade, assassinatos, violações, sadismo, pornografia, não é uma transgressão do puritanismo americano. Ele é seu indispensável forro para barrar o fluxo de gozo verdadeiramente desterritorializado, à maneira de um Alien que mora em cada um de nós.

Kant é mesmo o grande filósofo da modernidade na medida em que como *in extremis* ele tentou salvar a lei, e que ele edificou com uma retidão inaudita a Lei contra as leis. Mas ao mesmo tempo ela podia ser tão universal e absoluta somente na medida que era uma lei vazia. Kafka tirou todas as conseqüências humorísticas e desastrosas deste vazio da lei. Atualmente este grande segredo está mais do que revelado. Mais ninguém é bobo, a não ser para aliviar a piedade mentirosa que o capitalismo exige como contrapartida de seu cinismo. Antes mesmo de um ator ser eleito presidente dos

⁸Esta lógica do retorno contra si da agressividade no momento em que se aproxima daquilo que se acredita ser o gozo foi particularmente analisado por Lacan em seu seminário sobre a ética da psicanálise: « E o que me é mais próximo do que este coração em mim mesmo que é o do meu gozo, do qual eu não ousa me aproximar? Porque desde que eu me aproximo dele [...] surge esta insondável agressividade diante da qual eu recuo, retorno-a contra mim, e que vem no lugar da Lei dissipada dar seu peso a isto que me impede de ultrapassar uma certa fronteira no limite da Coisa", *Le séminaire*, livre VII, *L'éthique de la psychanalyse*, Paris, Le Seuil, 1986, p. 219.

Estados Unidos, e um outro governador da Califórnia, o sempre visionário Kafka, em seu primeiro romance, *América*, terminava o périplo de seu personagem no grande teatro de Oklahoma. Ali é mostrada ao herói Karl uma foto do camarote do presidente dos Estados Unidos, encarnação divina da lei e espectador divino daquele Paraíso de papel. Mas a única coisa que ele percebe, ao fundo, é “um vazio obscuro com reflexos avermelhados”, de maneira que era difícil “imaginar que havia pessoas naquele camarote”. O vazio da lei, assim como a vacuidade do assento legal do poder – esta é a lei do capitalismo globalizado.

Ao furor das massas do Fascismo submetidas a uma lei paranóica, a que chegou a história do capitalismo moderno, o neocapitalismo substituiu a reviravolta do furor da mídia, da agressividade contra os indivíduos que correriam o risco de se deixar levar ao último gasto de um gozo que não seria canalizado pelos fluxos do mercado.

Da violência nas estradas à violência dos games, tudo é feito para dar ao gozo a máscara obscena da pulsão de morte, e para que os cidadãos reclamem sempre mais ordem e mais polícia. Não se pode acreditar que o desvanecimento da lei seja, no caso, um sinal de liberdade. Nossa época confirma, no mais alto grau, a reverção operada por Lacan da fórmula que Dostoiévski pôs na boca do pai Karamazov: “Se Deus está morto, tudo é permitido”. A conclusão inversa se impõe: “Se Deus está morto, mais nada é permitido”. A morte do pai da horda primitiva, a morte de Deus, a morte da lei e mesmo da lei do Édipo, ao invés de nos abrir as portas da liberdade, precipitou nosso desejo para as formas mais reativas, culpabilizantes, e para uma esclerose da vida extremamente mortífera. A constatação disto foi feita há muito tempo: o esfacelamento da família teve como contrapartida uma “edipianização” geral da sociedade. Mesmo que não se acredite mais na lei do Édipo, a edipianização se espalha pela terra graças ao infantilismo da mídia assim como da vida política.

Hilflosigkeit... Não, verdadeiramente, a humanidade não é ajudada, é preciso impedi-la constantemente de se atirar e se esborrachar contra as muretas de proteção das estradas ou de explodir o cérebro contra as telas dos videogames. E assim que um vento do deserto sopra, e que esvazia um pouco, ela geme como num estado de abandono. Daquilo que deveria ser sua alegria, ela faz a sua cruz.

A atualização do virtual

O último ponto abordado será, portanto, a atualização do virtual. O virtual, como diz Deleuze, não é o contrário do real, mas do atual. Poder-se-ia até dizer que o virtual é o real por excelência, em sua dimensão de acontecimento. É da ordem da *virtus* latina ou da *virtù* maquiaveliana, isto é, da potência. Ele é o potencial do desejo. Ou ainda, ele caracteriza esta negatividade do gozo que não é simples falta mas, ao contrário, potência tal que não se atualiza nunca porque a realidade não poderia suportar uma tamanha carga de real.

Pois bem, o Mundo, este novo “corpo sem órgãos” que se desenha no horizonte da mundialização capitalista, como o que poderia ultrapassar o Capital e seria a metamorfose de seu próprio “corpo sem órgãos”, é permanentemente conjurado pela atualização do virtual. Retomando as três grandes instâncias do *Anti-Édipo*: a Terra, “corpo sem órgãos” do *socius* selvagem, o Déspota, “corpo sem órgãos” do Estado bárbaro, o Capital, “corpo sem órgãos do capitalismo, não poderíamos acrescentar o Mundo, “corpo sem órgãos” como virtualidade do capitalismo globalizado, que poderia explodir o Capital e suas reterritorializações arcaicas? O Mundo contra a mundialização!

Todo o projeto do poder capitalista que, como repete Artaud, funciona por enfeitiçamento dos corpos, visa conjurar o Mundo. E sua estratégia, segundo a lei perversa que o guia, consiste em uma atualização permanente do virtual que antecipa todos seus possíveis. Isto se faz a favor do recobrimento do mundo por uma rede de imagens que oferecem todas as realizações imagináveis do desejo, onde tudo já está dito, e seu contrário, onde a pretensa interatividade priva de toda atividade. Vale o mesmo para a publicidade ou para as imagens de moda, assim como para qualquer telefilme. Mostram-nos uma vida tão rica em cores, em alegria, em originalidade. E qual é a consequência real? Uma humanidade transformada em fantasmas atravessando a vida como um Halloween permanente e reduzido ao estado de corpos desatinados, vampirizados pelas próprias imagens que eles deveriam imitar. Há algum tempo havia uma propaganda dos filmes Kodak em que se via crianças travessas, tipo uns diabinhos que literalmente roubavam as cores das pessoas e das coisas que eles fotografavam, as quais, pessoas e coisas, acabavam inteiramente brancas. O slogan era “Kodak, o ladrão de cores”. Tal é a operação do virtual mediático sobre o mundo. Ele vampiriza a vida, antecipa o gozo e deixa os indivíduos esgotados de ter que arrancar a luz do fogo do

Céu virtual num gesto prometéico que não é para qualquer um. Assim, à explosão dos fluxos mediáticos responde a corte de homens e mulheres vestidos de preto que percorrem as ruas das cidades ocidentais, ou que portam todos as mesmas roupas disformes e tristes, sem mais nenhuma graça nem sensualidade. O século XXI continua a confeccionar sua roupa com os trapos desta casaca do século XIX que Baudelaire chamava de “o casaco do herói moderno”: “E no entanto, não teria a sua beleza e seu charme aborígine, esta roupa tão martirizada? Não seria a roupa necessária de nossa época, sofrida e carregando em seus ombros negros e magros o símbolo de um luto perpétuo? Notem bem que a casaca e a sobrecasaca têm não somente sua beleza política, que é a expressão da igualdade universal, mas ainda a sua beleza poética, que é a expressão da alma pública; – um imenso desfile de coveiros, coveiros políticos, coveiros apaixonados, coveiros burgueses. Todos nós celebramos algum enterro”⁹.

Mas a atualização do virtual passa também pela supermediatização de qualquer acontecimento para lhe retirar seu caráter próprio. Enquanto os grandes acontecimentos ocorrem silenciosamente sobre patas das pombas, como dizia Nietzsche, o barulho da mídia e dos comentários jornalísticos cobre imediatamente o silêncio do que advém e o mistério do que acontece. Mais nada de fato acontece, tem lugar, sobretudo o lugar, enquanto segundo Mallarmé, a única finalidade do poema é fazer com que “nada terá tido lugar a não ser o lugar”. Que o lugar não tenha lugar, que ele não aconteça, significa impedir que se abra o espaço do Gozo real que exige um lugar, que exige criar um deserto no mundo, deixar um lugar vazio ao desejo.

A atualização do virtual, eis a última estocada do desejo pela realização do gozo: isso goza por você, isso já gozou. Você não tem mais nada a desejar. A atualização do virtual é a morte do real, mas, se é que podemos dizer, é sua morte hipnótica. O cadáver do real, eis o que busca o olhar alucinado do espectador por trás do escoamento das imagens e cujo rumor ele tenta captar sob o fluxo das palavras. E tudo é feito para conservar esta presença hipnótica. Lacan chamava o Gozo *real* a Coisa, *das Ding*. Pois bem, como uma morta mal enterrada, a Coisa revém para nos assombrar. Seu cadáver é azulado de putrefação e fala com uma voz morta. Tal é, desde então, o fundo de toda imagem mediática: fundo azul da tela da televisão onde se desenha a silhueta azul do apresentador, filtro azul interposto entre a câmera e os atores vestidos de azul que

⁹Charles Baudelaire, *Salon de 1846, Œuvres complètes*, La pléiade, Gallimard, Paris, 1961, p. 950. « Et cependant, n'a-t-il pas sa beauté et son charme indigène, cet habit tant victimé? N'est-il pas l'habit nécessaire de notre époque, souffrante et portant jusque sur ses épaules noires et maigres le symbole d'un deuil perpétuel? Remarquez bien que l'habit noir et la redingote ont non-seulement leur beauté politique, qui est l'expression de l'égalité universelle, mais encore leur beauté poétique, qui est l'expression de l'âme publique; — une immense défilade de croque-morts, croque-morts politiques, croque-morts amoureux, croque-morts bourgeois. Nous célébrons tous quelque enterrement. »

desfilam diante de um cenário azul. A televisão, o cinema, são agora o mergulho hipnótico no Grande Azul. Quanto à voz dos atores, para o mundo não-anglófono, ela adquiriu o tom enfeitiçado das vozes do além: a voz dublada, monótona, amorfa e falsa, é como o rumor infinito da Coisa moribunda. Diz-se que os grandes artistas são visionários: o azul de Klein acabou por invadir tudo, e a voz morta e contudo inextinguível dos personagens de Beckett tornou-se o eterno ruído de fundo do real.

Até quando suportaremos este vampirismo comercial da vida? Conseguiremos desenfeitiçar o desejo dos poderes de morte?

*

O fascismo histórico e os totalitarismos do século XX impuseram regimes autoritários e violentos que fizeram da história um grande teatro da crueldade. E no entanto, uma grande parte do mundo ocidental aceitou, senão desejou estas ditaduras e estes sacrifícios humanos ofertados a algum deus sanguinário. Hoje em dia, que o totalitarismo mundial tomou ares de um supermercado do gozo, e que o espetáculo delicioso da morte dos outros nos é dado, como o pão nosso cotidiano, pela televisão e o cinema, parece ainda mais difícil resistir ao culto deste novo deus mediático, tão sanguinário quanto o primeiro — mas agora virtualmente sanguinário. Pelo menos é o que ele nos faz acreditar. Difícil resistir a este deus, principalmente aqui no Brasil, onde as redes de televisão evangélicas têm tamanho sucesso. No dólar americano está escrito: *In God we trust* (Nós cremos em Deus). De um lado, Deus garante o valor do dólar, do outro, o dólar é a prova da existência de Deus. Ele encarna a Sua presença real. Da mesma forma, o deus televisionado dos Evangélicos promete uma chuva de reais. Aí está um deus bem mais sério do que o Cristo dos verdadeiros Evangelhos que celebrava a glória dos pobres...

Quando o desejo é tão pervertido a ponto de buscarmos nossa felicidade naquilo que nos aliena, de desejarmos o que nos oprime, de venerarmos o que nos humilha, de gozarmos pelo fato de não gozarmos, então podemos duvidar definitivamente da força revolucionária do desejo, celebrada por Deleuze e Guattari. Mas não é isto, desde sempre, o sentido e o objetivo do desejo do homem: evitar o gozo? Ele o fez durante séculos de submissão moral, religiosa e política. Ele o faz agora entregando-se até o fastio e o sacrifício ao falso gozo do consumismo.

Na base de todo fascismo, há uma fascinação. A fascinação mediática é o fundamento do fascismo *soft*. Ela encarcera em um mundo imaginário. Mas, felizmente, o real termina sempre por retornar. E ele retorna com uma força de efração revolucionária. Nós acabamos de ter uma prova disso com a atual crise econômica. Enquanto os teóricos neoliberais afirmavam que tínhamos entrado no fim da história, isto é, num mundo onde o capitalismo teria triunfado sobre todas as ideologias e onde ele se imporia como o último reino da humanidade, nós assistimos os primeiros tremores de sua derrocada. E a sequência não vai demorar muito. A falta de matérias-primas vai obrigar a acabar com este consumo a qualquer preço. Finalmente, o sistema se autodestruirá através de um retorno ao real que quebrará nossa submissão fascinada, e vai nos obrigar a inventar o novo. É tudo o que se pode esperar se não quisermos, uma vez mais, nos precipitarmos em guerras e violências destrutivas.